

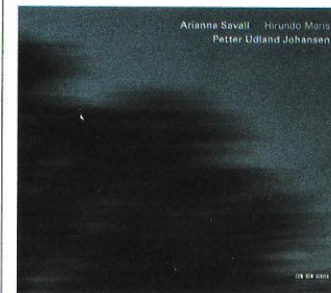


CD CANTOS DO SUL E DO NORTE

Neste CD de estreia na etiqueta ECM, a cantora e harpista Arianna Savall (filha de Jordi Savall e Montserrat Figueras) e o agrupamento Hirundo Maris procuram realizar uma viagem entre o mar do Norte e o Mediterrâneo. E pôr em evidência as subtis pontes musicais que unem tradições tão diversas como os repertórios da Catalunha e da Escócia, os romances sefarditas e as baladas dos vikings da Noruega. Ritmos e modos comuns percorrem alguns dos trechos desta selecção de cantos de tradição oral, alguns com longínquas raízes medievais, e aqui objecto de arranjos livres da autoria da própria Arianna Savall e de Petter Udland Johansen, cantor e executante de bandolim e violino norueguês. Os sons cristalinos das harpas de Arianna Savall e a sua voz lisa e delicada contam ainda com a colaboração das vozes e instrumentos de Sveinung Lilleheier, Miguel Angel Cordero e David Mayoral (respectivamente nas guitarras, contrabaixo

e percussão). Na origem do projecto encontra-se a famosa canção catalã *El Mariner*, que conta em forma de diálogo uma história de amor entre uma donzela do Mediterrâneo e um cavaleiro do Norte. Uma melodia e uma letra bastante parecidas são conhecidas também nas costas da Escócia. *Chants du Sud et du Nord* inclui ainda trechos com a balada norueguesa *Bendik og Arolilja* (que narra a versão escandinava da lenda de Tristão e Isolda), romances sefarditas como *Ya Salió de la Mar* e *Morena me Llaman*, o lamento *El Mestre* (tradicional da Catalunha) e danças como a *Tarantela* e *Halling*. Numa abordagem ecléctica, a meio caminho entre a música antiga e as músicas do mundo (uma fórmula de sucesso cada vez mais na moda), a proposta do agrupamento Hirundo Maris revela uma inspirada musicalidade e recreações de bom gosto de um repertório diversificado, susceptível de proporcionar audições refrescantes nestes quentes dias de Verão. *Cristina Fernandes*

Chants du Sud et du Nord
Arianna Savall
Petter Udland Johansen
Hirundo Maris
ECM New Series
17,90€



OUÇA

era o Batman, o herói, jogando com o pueril maniqueísmo de Hollywood. Em Nova Iorque, imersos no imaginário americano, recordámos cenas de cortar a respiração de filmes-catástrofe e vimos que acontecia aquilo que era fantasiado nos filmes.

O mais brutal é a naturalidade com que dias depois tudo é encarado, como se nada tivesse acontecido. Em Denver, minimizou-se o sucedido, como se existisse uma institucionalização da lógica de massacre. Foi uma acção individual e Holmes não tinha ligações terroristas, disseram as autoridades, o que é o mesmo que proferir que a sua acção é idêntica à de um terrorista, logo, colocando toda a gente sob suspeição terrorista.

Não há um desejo de compreender a realidade em todas as suas dimensões. Há uma resposta simplista de uma sociedade hiper-real que pode infantilizar as pessoas que a compõem, existências fabricadas, como a de Holmes, que a partir da sua acção são alvo de releitura – de alguém que passava despercebido, passa a ser aquele sobre quem todos têm opinião.

A responsabilidade não é exclusivamente da sociedade, mas esta não se pode eximir de reflectir. Até Christopher Nolan, o realizador do novo Batman, veio dizer que o sucedido “violou a inocência do cinema”. Mas mesmo quando parece inocente o cinema nunca o é. Nos filmes sobre o 11 de Setembro (de *Voo 93* a *World Trade Center*), a dimensão política estava ausente.

Víamos apenas pessoas vulgares numa situação invulgar. Não havia uma tentativa de perceber as dinâmicas políticas que conduziram aos ataques nem de entender o que se passou depois. A história, no sentido mais elevado, irrompia na vida das personagens, sem que percebesse porquê.

Os filmes foram aplaudidos pelo seu realismo autêntico. Mas quando a dimensão política de uma catástrofe é eliminada isso é um facto político. Tal como nos massacres perpetrados individualmente, é como se a América não quisesse olhar para si própria. Fica apenas o choque, o medo, o horror, o sorriso do irrealizável sonho americano. Até uma próxima vez.

“

Há uma resposta simplista de uma sociedade hiper-real que pode infantilizar as pessoas